



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 11/05/18

| | |
|---|-----------|
| BRASIL | 2 |
| Escenarios diferentes en las plazas ganaderas | 2 |
| Cepea: Precios oscilan ante la incertidumbre que plantea el mercado brasileño..... | 2 |
| Maggi espera que EE.UU. reabra antes de fin de este semestre | 2 |
| Faena en baja reflejaría las dificultades de la demanda de carnes | 2 |
| Abrafrigo: exportaciones de carnes bovinas disminuyeron un 4 por ciento en el pasado mes de abril | 3 |
| MAPA cerró acuerdo para exportar material genético y animales vivos..... | 3 |
| Responsable defendió el Programa de Lucha contra la AFTOSA del BRASIL | 4 |
| Argelia importará carne de España y Brasil para satisfacer requerimiento del Ramadán..... | 5 |
| URUGUAY | 5 |
| Oferta limitada el novillo gordo cruza los US\$ 3,40 por kilo | 5 |
| No hay mercado cárnico para pagar el ganado a US\$ 3,40 | 6 |
| Ganado para faena logra relación positiva de precios | 6 |
| En tres semanas tercera suba en precio de la carne..... | 6 |
| Carne bovina: exportación crece 12% en trimestre..... | 7 |
| Fuerte aumento en la exportación de vacunos en pie | 7 |
| Inauguran agregaduría agrícola en embajada uruguaya en China..... | 8 |
| PARAGUAY | 8 |
| Reunión del Consejo Agropecuario del Sur (CAS) Sin unanimidad en tema aftosa..... | 8 |
| Gremios piden no dejar de vacunar contra aftosa | 9 |
| SENACSA sanciona a frigorífico tras constatar contrabando de carne | 9 |
| Importaron 180.000 kg de carne sin la certificación del Senacsa Control, pedido de ARP | 9 |
| Senacsa resolvió intervenir Frigorífico Concepción..... | 10 |
| Cámara Paraguaya de la Carne Respalda Gestión Del Senacsa..... | 10 |
| Senacsa dice que ubicó cargamento de carne que ahora debe destruirse | 11 |
| Destruyen 140 Ton. de carne..... | 11 |
| Fiscal imputa al presidente de un frigorífico por contrabando de carne | 12 |
| ARP condena y el MIC acusa | 12 |
| UNIÓN EUROPEA | 12 |
| El Mercosur espera respuesta de la Unión Europea a sus pedidos agrícolas..... | 12 |
| ESTADOS UNIDOS | 13 |
| Prevén abundante oferta de hacienda gorda | 13 |
| NAFTA negociaciones en una etapa crítica | 14 |
| US & CHINA preocupación por Guerra tarifaria | 15 |
| VARIOS | 15 |
| AUSTRALIA: Cattle Council objetó el uso de la palabra carne para productos surgidos de laboratorios | 15 |
| INDIA ha afectado el comercio de ganado en pie entre INDONESIA y AUSTRALIA..... | 17 |
| KUWAIT prohíbe importaciones de carnes procedentes de ZIMBABWE y COREA DEL SUR por casos de AFTOSA..... | 18 |
| EMPRESARIAS | 18 |
| Tyson Foods ganancias en el trimestre cerrado el pasado 31/03..... | 18 |
| Minerva mejora en resultados operativos..... | 18 |
| Marfrig acciones en alza por la venta de Keystone..... | 19 |
| Marfrig lanzó en Uruguay la marca Tacuarembó Steakhouse | 19 |



BRASIL

Escenarios diferentes en las plazas ganaderas

Sexta-feira, 11 de maio de 2018 - São duas as situações encontradas no mercado do boi gordo.

De um lado, em regiões do Sudeste e Centro-Oeste, a falta de chuvas provoca a maior oferta de boiadas enfraquecendo as cotações.

É o caso de Minas Gerais e Goiás cuja cotações caíram 1,9% e 1,6%, em dez dias.

De outro, como em Rondônia e no Acre, as chuvas mantêm as pastagens em boas condições e permitem a oferta comedida.

O consumo de carne, considerando o Dia das Mães, segunda melhor data para o varejo, melhorou e a cotação da carne no mercado atacadista de carne bovina sem osso, subiu. Na média de todos os cortes pesquisados, valorização de 1% nos últimos sete dias.

Já no mercado atacadista de carne bovina com osso preços estáveis nesta quinta-feira (10/5). O boi casado de animais castrados ficou cotado em R\$9,35/kg.

Cepea: Precios oscilan ante la incertidumbre que plantea el mercado brasileño

10/05/18 - por Equipe BeefPoint O setor pecuário vivencia um momento turbulento, o que tem gerado forte oscilação do Indicador ESALQ/BM&FBovespa do boi gordo (estado de São Paulo, à vista) neste início de maio. Esse cenário se deve sobretudo às incertezas relacionadas à demanda por carne bovina, que resulta em inconstância da participação de operadores no mercado e também do volume de animais ofertados.

Segundo pesquisadores do Cepea, de um lado, a oferta de animais favorece o aumento das escalas de abate de muitos frigoríficos, o que pressiona as cotações da arroba em alguns momentos. De outro, a necessidade de adquirir lotes com qualidade ou volumes adequados para atender a certos mercados faz com que, pontualmente, compradores participem de forma mais ativa das negociações, se dispendo a pagar preços bastante superiores.

Maggi espera que EE.UU. reabra antes de fin de este semestre

07/05/18 - por Equipe BeefPoint Em viagem a Ribeirão Preto (SP), onde visitou a feira agropecuária Agrishow, o ministro Blairo Maggi, declarou que espera a retomada das exportações de carne bovina in natura para os Estados Unidos até o fim deste semestre.

“Uma missão de técnicos irá na semana seguinte para aos Estados Unidos e creio que será a última. Todos os documentos, todos os questionários e pedidos foram respondidos. Então, nessa viagem que nossos técnicos farão, espero que a gente consiga resolver os problemas. Minha expectativa é de que a gente volte até o final deste semestre a exportar carne para os Estados Unidos. É o nosso desejo e estamos trabalhando para isso”.

A suspensão ocorreu em junho do ano passado, sob a alegação de presença de nódulos decorrentes de aplicação de vacina contra a aftosa.

Sobre o mercado europeu, falou também durante entrevista à imprensa, no local: “Como todos sabem, houve um deslistamento que vai vigorar a partir do dia 15. Depois disso, as empresas embargadas não poderão mais exportar para lá até que consigamos reabilitá-las. Já estamos em negociação para trazê-los de volta. Então, vamos deixar bem claro, não foi o Brasil que foi retirado do mercado, mas algumas empresas brasileiras. É claro que farão muita falta. Isso acabou reduzindo os preços com o aumento da oferta internamente e a cadeia sofre como um todo”.

O ministro lembrou que apesar da alegação da presença de salmonella nas carnes de aves, a comunidade europeia, na verdade está defendendo interesse dos produtores locais. “O que a Europa está fazendo conosco, não é por uma questão de saúde humana, nem animal. A restrição de mercado se deu pela grande atuação que o Brasil tem lá. E os produtores europeus não querem a presença do Brasil, querem uma presença menor, para que tenham preços mais altos”.

Faena en baja reflejaría las dificultades de la demanda de carnes

10/05/18 - por Equipe BeefPoint A demanda interna de carne está fraca. É o que mostram os dados de abates do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), referentes ao primeiro trimestre deste ano e divulgados nesta quarta-feira (9).

Foram abatidos 7,5 milhões de bovinos de janeiro a março, 6,9% menos do que no último trimestre do ano passado. Quando comparado o peso das carcaças, a queda é ainda maior: de 10%.

Um dos sinais da demanda interna fraca é o comportamento dos preços, segundo José Vicente Ferraz, diretor técnico da Informa Economics. “Mesmo com a oferta menor de carne, o preço mantém uma tendência de queda.”



As exportações estão em um patamar bom e já estavam computadas na conta do mercado quando programou o primeiro trimestre. A queda interna, porém, surpreende.

A carne suína, que normalmente rouba uma parcela da carne bovina —devido à relação de preços—, também teve oferta menor neste ano.

Os abates do primeiro trimestre deste ano caíram para 10,5 milhões de animais, 4,7% menos do que no último de 2017.

Ao contrário do que ocorreu com o boi, no caso do suíno houve interferência do mercado externo para a queda dos abates.

A Rússia, um dos principais mercados para os brasileiros, vinha ameaçando interromper as importações deste tipo de proteína do país desde o último trimestre do ano passado. Concretizaram a ameaça.

Parte dessa queda de produção de carne suína vem, portanto, de um ajuste do mercado após o fim das importações russas, segundo Ferraz.

A queda de renda fez os consumidores optarem pela carne mais barata, a de frango. Os abates aumentaram 2,6% no primeiro trimestre deste ano, em relação ao último de 2017.

Os dados do primeiro trimestre, porém, já não refletem mais o cenário do segundo, segundo Ferraz. As condições se deterioraram ainda mais, principalmente no caso do frango.

Além da demanda interna mais fraca, o mercado de aves encontrou barreiras externas à exportação, principalmente as da União Europeia.

O reflexo dessa queda de demanda interna e de exportações menores no setor de carnes é uma retração nos preços.

A queda afeta as margens do setor. No caso do boi, a retração de preços terá reflexo na intenção de confinamento dos pecuaristas, segundo o diretor técnico da Informa Economics.

Abrafrigo: exportaciones de carnes bovinas disminuyeron un 4 por ciento en el pasado mes de abril

11/05/18 - por Equipe BeefPoint As exportações de carne bovina in natura e processada caíram 4% em volume e 5% em receita no mês de abril ante igual mês de 2017, segundo a Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo). Foram embarcadas 85,064 mil toneladas, contra 88,733 mil t em abril do ano passado. A receita totalizou US\$ 344,7 milhões, ante US\$ 361,4 milhões em 2017.

Para a entidade, o mês de abril de 2017 “não é considerado uma boa referência porque o mercado estava sob os efeitos mais imediatos da Operação Carne Fraca da Polícia Federal, com muitos países interrompendo as importações à espera de informações das autoridades brasileiras”.

O levantamento, que considera dados finais de movimentação divulgados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), aponta ainda que no acumulado dos primeiros quatro meses do ano houve crescimento de 20% em volume e 17% em receita nas exportações de carne bovina.

No período, a exportação total do produto totalizou 505.498 toneladas contra 419.986 toneladas. Já a receita chegou a US\$ 1,93 bilhão contra US\$ 1,66 bilhão no período anterior.

A Abrafrigo disse em nota que os problemas de imagem do produto brasileiro no mercado internacional provocados pelas operações da Polícia Federal continuam influenciando as exportações para grandes clientes, como os países integrantes da União Europeia, Rússia e Estados Unidos.

Nos países que tiveram desempenho positivo nos quatro primeiros meses de ano, Hong Kong continua liderando as importações do produto brasileiro com crescimento de 49,8% na movimentação: de 88.543 toneladas passou para 132.603 toneladas.

“Somando-se a movimentação da China Continental, que passou de 64.770 toneladas para 84.290 toneladas, com crescimento de 30%, o mercado chinês absorve quase 50% das exportações brasileiras de carne bovina. O Egito também ampliou suas importações em 153% (de 21.822 toneladas em 2017 passou para 55.383 toneladas em 2018), enquanto que o Chile elevou suas aquisições em 115,3% (de 16.004 toneladas para 34.463 toneladas)”, informou a entidade.

A maior queda ocorreu na exportação para a Rússia. O país tinha importado no primeiro quadrimestre de 2017 50 mil toneladas do Brasil e neste ano nada comprou. “Reduções importantes na quantidade também foram observadas nas compras do Irã (-40%), Estados Unidos (-32%), Arábia Saudita (-40%) e Itália (-18,4%).

MAPA cerró acuerdo para exportar material genético y animales vivos

07/05/18 - por Equipe BeefPoint O Departamento de Saúde Animal (DSA) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), por meio da Coordenação de Trânsito e Quarentena Animal Internacional (CTQA), obteve avanços importantes para exportação de material genético brasileiro. Rodadas de negociação foram feitas nesta semana, durante a 85ª Expozebu, em Uberaba (MG).

Segundo a coordenadora Judi Nóbrega, “foram fechados acordos com o Quênia, para venda de embriões in vitro e in vivo, bovinos vivos e sêmen. Com o Equador foram concluídos os certificados (CZI) de



embriões in vivo e in vitro. Com a Colômbia foi ajustado o protocolo para exportação de sêmen e iniciadas as negociações para exportação de bovinos para reprodução, e, com a Guatemala, a rodada envolveu a destinação de embrião in vivo e in vitro”.

O diretor do DSA, Guilherme Marques, destacou que “o trabalho coordenado entre o Mapa e o setor privado, aliado às garantias sanitárias que o Brasil assegura estão abrindo muitas portas para o mercado internacional”.

Além disso, avançaram muito as conversações com os representantes da Colômbia, Equador, Tailândia, Malásia, Índia, Nicarágua, Quênia e Guatemala, interessados no material genético e nos bovinos de elite do Brasil.

No acordo com o Quênia foram necessários meses de trabalho com a troca de comunicações técnicas e pelas vias diplomáticas. As reuniões durante a Expozebu e o apoio da Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ) aceleraram o processo, pois os representantes dos países importadores constataram a qualidade do trabalho feito pelos criadores e pelo MAPA junto às centrais de coleta de material genético e nas Estações Pré Embarque para exportação de animais vivos.

Judi Nóbrega disse que foram importantes os avanços nas discussões para elaboração dos protocolos para embrião vivo com a Índia. “Os indianos se comprometeram a apresentar o resultado das discussões em assembleia do seu serviço sanitário, no dia 17. “Saímos com expectativas muito positivas de que, em breve teremos, também, avanços e finalizações das negociações com a Índia”, completou a coordenadora.

Com a Malásia, os entendimentos foram para que seja disponibilizado, pela equipe do serviço veterinário malaio, o relatório das avaliações de risco feitas em 2016, durante visita de uma missão veterinária ao Brasil. À época, foi avaliado o sistema sanitário brasileiro, com o objetivo de importação de bovinos vivos para abate.

Aos tailandeses foram mostrados todos controles sanitários que são efetuados no país. “Com a Guatemala, trabalhamos e firmamos o protocolo para importação de sêmens e embriões bovinos, os quais serão também encaminhados pelas vias formais ainda neste mês de maio”, adiantou a coordenadora. “Tamanha é a satisfação do setor privado brasileiro em relação ao compromisso do Mapa em desenvolvimento e crescimento do agronegócio que foi entregue ao Departamento de Saúde Animal da Secretaria de Defesa Agropecuária uma homenagem da própria ABCZ”, disse Marques .

De acordo com o diretor “ já colhemos muitos frutos devido aos investimentos do setor público e privado, mas seguramente a melhor safra ainda está por vir. Em 2023 quando todo o Brasil for reconhecido internacionalmente como livre de febre aftosa sem vacinação, não apenas teremos o potencial de abrir todos os mercados mundiais, mas principalmente de agregar muito mais valor às nossas exportações”.

Responsable defendió el Programa de Lucha contra la AFTOSA del BRASIL

10/05/18 - por Equipe BeefPoint O diretor do Departamento de Saúde Animal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Guilherme Henrique Figueiredo Marques, afirmou nesta terça-feira (8), em Natal (RN), que “está sendo fechado um ciclo de 60 anos de trabalho de erradicação e prevenção da febre aftosa no Brasil, tanto nos governos federal e estaduais, quanto nas empresas privadas”.

Uma conquista que não pode retroceder, afirmou durante Reunião Técnica do Bloco III (AL, CE, MA, PB, PE, PI e RN) do Programa Nacional de Erradicação e Prevenção contra a Febre Aftosa-PNEFA.

Marques defendeu o fortalecimento da parceria com o setor privado nos estados e observou que “o importante, agora, é manter essa situação favorável de prevenção” e afirmou que o Ministério da Agricultura buscará repassar com mais frequência e de forma mais fácil os recursos orçamentários para a execução das políticas nacionais de defesa agropecuária”.

A reunião iniciada na terça-feira (8) e que vai até amanhã (10), no Centro Administrativo do estado, tem a finalidade de debater a execução do Plano Estratégico (PNEFA 2018-2026) com os estados participantes dos sete estados, para alcançar a meta em 2023 do Brasil Livre da Febre Aftosa sem Vacinação.

O diretor, representante do Brasil na Organização Mundial Saúde Animal (OIE), destaca que o Brasil não só cumpre com a sua obrigação no combate e prevenção da doença, como estimula que os outros países façam o mesmo. “Trabalhamos de forma coordenada com Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia e Chile, que buscam colaborar com a Venezuela, Colômbia e o Suriname”.

Guilherme mostrou resultados da expansão na estrutura do serviço veterinário oficial, que na última década teve incremento de 22%, atingindo 4.843 escritórios de atendimento nas comunidades do interior do país, aumento de 7% na contratação de pessoal em defesa animal, totalizando 18.453 técnicos, de 33% na frota oficial de veículos terrestres e de 121% de aquaviários, que contam, respectivamente, com 5.812 automóveis e 186 embarcações.

O plano PNEFA está alinhado com o Código Sanitário para os Animais Terrestres da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) e às diretrizes do Programa Hemisférico de Erradicação da Febre Aftosa (PHEFA).



Argelia importará carne de España y Brasil para satisfacer requerimiento del Ramadán

Fonte: EFE. 08/05/18 - por Equipe BeefPoint O governo da Argélia informou que autorizou a importação de 71.000 toneladas de carne de quatro países, incluindo Espanha e Brasil, para atender a alta demanda por este produto durante o mês de jejum do Ramadã, que terá início na metade deste mês.

Assim foi divulgado pelo Director dos Serviços Veterinários do Ministério da Agricultura, Kaddur al Hachemi Krim, que disse que, além dos países acima mencionados, a Argélia irá importar carne da França e da Índia.

“Em antecipação ao mês do Ramadã, o governo concedeu 138 licenças para as operadoras importarem 71.000 toneladas de carne fresca”, disse o funcionário à emissora de TV local “Ennahar TV”.

Dessas licenças, “120 foram concedidas para importar bezerros vivos que serão abatidos aqui na Argélia”, acrescentou Al Hachemi antes de especificar que o país produz entre 15.000 e 25.000 toneladas de carne e que seu objetivo é evitar um aumento nos preços.

Segundo dados do Ministério da Agricultura, a Argélia cobre com o mercado local 55% da carne consumida por sua população, estimada em cerca de 40 milhões de habitantes.

URUGUAY

Oferta limitada el novillo gordo cruza los US\$ 3,40 por kilo

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Mayo 11, 2018 Por las vacas especiales y pesadas se logran US\$ 3,15 por kilo y por las vaquillonas se obtienen US\$ 3,20

Continúa la firmeza en los valores para la hacienda gorda. La escasez de la oferta se vio reflejada en una menor faena, que cayó por cuarta semana consecutiva y se ubicó por debajo de las 30.000 cabezas, consolidándose como la menor desde marzo de 2016 en una semana particular, con dos días menos de actividad por el feriado del 1° de Mayo y el paro de la industria frigorífica del 2 de mayo.

Por novillos de punta –que son los más escasos– se concretan negocios en el eje de los US\$ 3,40 por kilo carcasa, y se logra algún centavo más, pero los volúmenes más importantes de faena son de ganados generales a buenos, que van de US\$ 3,25 a US\$ 3,35 dependiendo del grado de terminación.

Las entradas de las remisiónd e vacunos a las plantas frigoríficas están ágiles, de tres días a una semana.

Por vacas especiales y pesadas los negocios se hacen entre US\$ 3,10 y US\$ 3,15 por kilo, pero la mayoría se dan en el entorno de los US\$ 3,05, con ganados de 420 a 450 kilos con una menor terminación. La vaquillona, muy demandada y con una oferta muy escasa, alcanza los US\$ 3,20.

La reposición está firme y estable en la mayoría de sus categorías, exceptuando las terneras y vacas preñadas por ser negocios más largos. Las terneras se mantuvieron en US\$ 1,74 por kilo y las vaquillonas y vacas preñadas en US\$ 517 (al bulto). Los más demandados son los novillos formados y vacas de invernada, por ser negocios cortos, junto con los terneros para exportación en pie. Los terneros enteros subieron cinco centavos su referencia respecto a la semana anterior logrando los US\$ 2,20 y las vacas de invernada se mantuvieron en US\$ 1,21 por kilo.

En ovinos, la oferta es baja en esta época del año y la demanda está activa para todas las categorías. que aumentaron por segunda semana consecutiva sus valores. Los corderos pesados llegaron a US\$ 3,20 con suba de un centavo; los borregos aumentaron dos centavos, a US\$ 3,16; y las ovejas y capones aumentaron dos centavos, a US\$ 3,02 y US\$ 2,85, respectivamente.

El próximo mes aparecerán los ganados de verdes, lo que da un panorama más alentador. Y los precios podrían tender a equilibrarse, en los actuales valores.

Faena vacuna cayó por debajo de las 30.000 cabezas

En la semana cerrada el 5 de mayo la faena vacuna totalizó 29.662 cabezas, 26% por debajo de las 39.970 de la semana anterior y 35% por debajo de las 45.303 del mismo período del año anterior. La participación de vacas y novillos fue muy similar, 14.288 y 14.712 cabezas, respectivamente.

Precio de exportación sigue encima de los US\$ 3.500

En la semana cerrada el 5 de mayo el precio de exportación promedió US\$ 3.664 la tonelada, US\$ 14 por encima a los US\$ 3.650 de la semana anterior. En lo que va del año se afirma en US\$ 3.518, un 4% arriba del promedio en el mismo período del año pasado (US\$ 3.383).

El volumen colocado acumulado al 5 de mayo es de 169.388 toneladas, un 11% superior a las 152.937 toneladas colocadas en el mismo período del 2017.

En carne ovina, hubo un ajuste semanal positivo de 16%. El promedio en el acumulado hasta la semana pasada fue de US\$ 4.659 por tonelada. El ingreso medio acumulado al 5 de mayo es US\$ 4.537 la tonelada, un 12% superior que las US\$ 4.070 del año anterior.

Contrariamente a lo que sucede con la carne vacuna, el volumen exportado este año es 6% menor al del mismo período de 2017, 5.423 vs. 5764 toneladas.



No hay mercado cárnico para pagar el ganado a US\$ 3,40

Mayo 10, 2018 Con ese precio de las haciendas la industria no es rentable, dijo Scayola.

Con el precio actual del ganado para faena a US\$ 3,40 el kilo en segundo balanza, "no hay mercado de la carne que lo pague y por lo tanto la industria está trabajando a pérdida", destacó a El Observador el presidente del Frigorífico San Jacinto, Gastón Scayola.

El industrial afirmó que dependerá de la capacidad que tenga cada empresa para trabajar en forma deficitaria y que en el caso de San Jacinto, tomará medidas a partir de junio para disminuir ese impacto de números negativos en el negocio.

El titular de esta empresa explicó que los primeros cuatro meses de este año fueron de una actividad de faena superior a lo que estaba previsto y que como consecuencia de la falta de lluvias, los productores aceleraron los envíos de ganados a faena con el fin de alivianar sus campos. A su vez, los precios de las haciendas estuvieron coherentes con el nivel de los valores de negocios de la carne.

Pero lamentablemente Uruguay está muy atado a dos mercados que son los que están impulsando fuertemente la operativa que son Israel y China. Son mercados de precios muy inflexibles, pero con volúmenes altos de faena y de valores medianamente acotados de los ganados, con lo cual la industria aprovechó para faenar fuertemente, explicó el industrial.

En el caso del ovino también se aprovechó a trabajar con este rubro en los últimos cuatro meses. La carne generada de los últimos animales que venían quedando como rezago de la zafra anterior, se colocaron bien en Brasil y China.

Período de pérdidas

Luego a partir de mediados de abril y con el retiro del país de los equipos Kosher de Israel que controlan la faena ritual, sumado a la perspectiva de escasez de ganados y precios actuales al alza, "la industria está enfrentada a tener pérdidas y así el negocio ya no es bueno", sostuvo el industrial.

En ese marco se está tratando de minimizar el daño económico que provoca esta relación de precios a las empresas industriales, sostuvo Scayola.

Explicó que en el caso de Frigorífico San Jacinto se aprovechará dar licencia a su personal del 15 de junio al 15 de julio y de esa forma evitar "un período de pérdidas que ya se presenta en mayo, pero que a medida que transcurra el invierno se acentuará y será cada vez más complicado".

Entendió que es la forma de no estar operando con negocios, donde las pérdidas pueden ser "muy abultadas. Ya hoy con precios del ganado a US\$ 3,40 el kilo en segunda balanza, no hay mercado que lo pague y por lo tanto para la industria es muy complicado".

Ante una pregunta Scayola dijo no saber si el precio de US\$ 3,40 será el techo para el mercado de haciendas, porque recién está empezando el invierno y además "porque depende de cuánto puede perder cada empresa si sigue subiendo ese valor".

Lo que sí está claro es que "ya hoy, con este número (de costo de de las haciendas), la industria no es rentable", afirmó el presidente de Frigorífico San Jacinto.

Ganado para faena logra relación positiva de precios

Mayo 7, 2018 Indicador de precios de haciendas y exportación de carnes informa sobre esa evolución.

La relación de precios de las haciendas para faena y de exportación de carnes (Imex) en las tres semanas anteriores al 28 de abril pasado resultó positiva para el productor ganadero, quién recibió cotizaciones por encima del promedio en ese período, según el Indicador de Ganado Gordo que publicó en esta jornada la Federación Rural.

El indicador que relaciona el precio de las haciendas (novillo y vaca), con el ingreso promedio de exportación de carne publicados por el Instituto Nacional de Carnes (INAC), relacionado en las tres últimas semanas corridas, estableció el promedio de la carne exportada en US\$ 3,548 el kilo.

El IMEX ésta semana se mantuvo prácticamente igual a la anterior, ubicándose en US\$ 3,548. Dicho comportamiento se puede deber a que todavía no se ha retomado con firmeza la faena de ganados de corral y por consiguiente los embarques para cuota 481, así como el cupo Hilton que está casi cumplido, señala el informe.

Con respecto a los precios publicados por INAC, siguen recuperándose tanto para el novillo como para la vaca, subiendo US\$ 0,06 y US\$ 0,05 respectivamente. Esta suba de los precios de la hacienda, sumada a que se mantuvo el IMEX, llevó a que la diferencia entre el precio publicado por INAC y el Indicador, pase a ser positiva, o sea que el productor recibe precios por encima del promedio. En el novillo esta diferencia fue de US\$ 0,03 y en la vaca de US\$ 0,05.

En tres semanas tercera suba en precio de la carne

Mayo 8, 2018 El incremento fue de \$ 4 a \$ 5 por kilo en la venta a los carniceros



El precio de la carne volvió a incrementarse en unos \$ 4 a \$ 5 por kilo a los carniceros y en similar cifra será trasladado a los consumidores a partir de este miércoles. Es el tercer ajuste a la suba en tres semanas y acumula aproximadamente unos \$ 15 por kilo.

La corrección fue aplicada por la mayoría de los frigoríficos abastecedores y se espera que el resto lo haya en breves días, destacó a El Observador el secretario de la Unión de Vendedores de Carne (UVC), Alfonso Fontela.

El motivo de la suba constante del precio de la carne está motivada en los incrementos de los valores de las haciendas que se vienen produciendo en el mercado semana a semana.

Los precios tienen una variación entre una carnicería y otra y entre los diferentes barrios en que estén instaladas, dependiendo además de las diferentes estrategias comerciales que impulsan los carniceros de acuerdo a los cortes de mayor y menor consumo en cada zona.

En este marco algunos precios de referencia y para cortes de buena calidad son los siguientes.

Asado con hueso carnes \$ 209 el kilo, aguja de primera \$ 179, paleta \$ 189, pulpa de nalga con hueso \$ 249, colita de cuadril \$ 269 y pesceto \$ 269.

En el mercado de haciendas el novillo especial para abasto subió a US\$ 3,36 el kilo en cuarta balanza, registrando durante la semana pasada un aumento de US\$ 0,05 en la pizarra de la Asociación de Consignatarios de Ganado.

Por su parte el novillo especial de exportación se incrementó de US\$ 3,35 a US\$ 3,40, la vaca de US\$ 3,18 a US\$ 3,21 y vaquillonas de US\$ 3,21 a US\$ 3,25.

Carne bovina: exportación crece 12% en cuatrimestre

06/05/2018 - Se colocaron 17.000 toneladas más y a un precio superior.

Entre el primer día del año y el 28 de abril, Uruguay exportó un total de 160.000 toneladas de carne bovina (contando el peso con hueso) frente a 143.000 toneladas en el mismo período de 2017, con un aumento de 12% en la cantidad colocada -17.000 toneladas más-, informó el Instituto Nacional de Carnes (INAC).

Según el boletín semanal del organismo, las exportaciones de carne bovina sumaron US\$ 565 millones con un precio de venta promedio de US\$ 3.521 -esto es US\$ 132 más que el valor de colocación del mismo período del 2017-.

El monto representa un 83% del total embarcado de carne, quedando del resto un 6% para las menudencias (US\$ 39 millones), 3% para la carne ovina (US\$ 22,9 millones) y subproductos residuales comestibles (US\$ 21,1 millones), 2% para subproductos industrializados (US\$ 14,8 millones) y 1,8% para la carne equina (US\$ 11 millones).

En el caso de la carne bovina, China con 74.770 toneladas es el principal destino en el primer cuatrimestre del año, acumulado un 47% del volumen total vendido. Le siguen los países del Nafta - Tratado de Libre Comercio de América del Norte, conformado por Estados Unidos, México y Canadá- con 27.928 toneladas (17%); la Unión Europea con 18.109 toneladas (11 %); Rusia con 13.122 toneladas (8%); e Israel con 11.753 toneladas (7%).

Analizando las exportaciones de carne bovina por el monto, China sumó compras en el cuatrimestre por US\$ 222 millones (39% del monto total) y luego aparece la Unión Europea con US\$ 109,8 millones (19%), los miembros del Nafta con US\$ 88,7 millones (16%) e Israel con US\$ 45,8 millones (8%).

En el caso de la carne ovina, el volumen exportado en los cuatro primeros meses de 2018 ascendió a 5.073 toneladas, con una caída de 8% respecto al mismo período del año pasado (191 toneladas menos). Los socios del Mercosur con 48% del total del volumen, China con 26% y la Unión Europea con 8% son los principales destinos, acaparando el 83% de las exportaciones.

Tomando a todo el sector cárnico y por monto de colocación, también China es el mercado principal con US\$ 283 millones (41% del total exportado) en el cuatrimestre. Luego viene la Unión Europea con US\$ 127 millones (18,6%); los países del Nafta con US\$ 90 millones (13,2%); el Mercosur con US\$ 50 millones (7,3%); e Israel con US\$ 47 millones (6,9%).

Según el informe de Uruguay XXI que se conoció la semana pasada, la carne bovina es el principal producto vendido al exterior en abril con 16% del total. Por detrás aparecen la celulosa con 13%, la soja con 12%, los productos lácteos con 7%, arroz con 6%, y la madera con 5%.

En total el comercio exterior cayó 0,2% en abril aunque en el cuatrimestre registra un aumento de 12% en la comparación interanual.

Fuerte aumento en la exportación de vacunos en pie

Mayo 10, 2018 Se triplicó el volumen en el primer cuatrimestre, pero estiman que terminará 2018 similar al año pasado

Las exportaciones de ganado vacuno en pie que siguen aumentando y que en el primer cuatrimestre se triplicaron con relación a igual período de 2016, se estima igualmente que cerrarán 2018 con un nivel



aproximadamente similar al año pasado, destacó a El Observador el ex presidente de la Asociación de Exportadores de Ganado en Pie, Alejandro Dutra.

Turquía sigue siendo el principal operador con más del 80% de las compras, en tanto que le acompañan Irak (13%) y Egipto (6%), según el informe de Uruguay XXI. El panorama se completa con un par de barcos de hembras que han salido para China, dijo el operador.

Opinó asimismo que desde el punto de vista de los valores la exportación ha fortalecido el precio de los terneros, que llega de US\$ 2,15 a US\$ 2,20 el kilo, los que son considerados satisfactorios.

Dutra estimó que los números del presente año serán similares a 2017, aclarando que lo que sucedió fue que no hubo receso de verano, por lo que se hicieron negocios más cortos porque había que llegar antes con los terneros a Turquía, lo que provocó que aumentara sensiblemente el volumen de cabezas exportadas en este período relación al año pasado.

El operador entendió además, que hay expectativa sobre la posibilidad de que Turquía pueda abrir estos negocios a los privados, teniendo en cuenta que actualmente las exportaciones se hacen a través de las licitaciones que hace el gobierno turco. Esa posibilidad sería muy interesante porque habilitaría a que vengan a Uruguay más empresas a comprar, afirmó Dutra.

Inauguran agregaduría agrícola en embajada uruguaya en China

Mayo 11, 2018 Procura brindar apoyo profesional a exportadores de carne de Uruguay

La creciente importancia que adquirió el mercado chino para Uruguay y con perspectivas de que siga evolucionando en esa dirección, motivo a que se inaugurara la Agregaduría Agrícola de la embajada uruguaya en China, con el fin de fortalecer el Departamento Agrícola y Económico Comercial de esta sede diplomática en Beijing.

De esta manera se procura consolidar la presencia institucional del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP) y el Instituto Nacional de Carnes (INAC) en esa nación, según se informó oficialmente.

Mediante un Memorandum de Entendimiento firmado entre Relaciones Exteriores e INAC, para la promoción de las carnes del Uruguay, se sentaron las bases para contar con un apoyo profesional para las empresas exportadoras, con capacidad de interacción fluida con las oficinas del gobierno chino y con los operadores locales, que permita una rápida respuesta ante eventuales gestiones que se deban realizar.

En este marco, se contratará a dos funcionarios chinos por parte de la Cancillería y la Embajada de Uruguay en China, que prestarán servicios al sector cárnico, a través de las gestiones del Ministerio de Ganadería y de INAC.

Primer socio comercial

Desde 2013, China se ha ubicado como el primer socio comercial de nuestro país y como primer destino de nuestras exportaciones de bienes, representando casi el 25 por ciento de las ventas de bienes nacionales al exterior.

Más del 90 por ciento exportado por Uruguay a China corresponde a productos de origen agropecuario y agroindustrial.

En materia de carnes, se estima que nuestro país presenta una base sólida sobre la cual seguir trabajando para el posicionamiento de la marca país, que tiene como activos la trazabilidad y la calidad de los productos uruguayos, que diferencian a Uruguay de sus principales competidores, pero que resultan aún desconocidos para el consumidor chino.

Para esta inauguración viajaron el ministro de Ganadería Agricultura y Pesca Enzo Benech, el Director de la Unidad de Asuntos Internacionales Rodolfo Camarosano, el Director de la Dirección General de Servicios Agrícolas Federico Montes y el Presidente de INAC Federico Stanham. También estuvo presente en el acto el Embajador de Uruguay Fernando Lugris.

PARAGUAY

Reunión del Consejo Agropecuario del Sur (CAS) Sin unanimidad en tema aftosa

05 de mayo de 2018 Culminó ayer la XXXV reunión ordinaria del Consejo Agropecuario del Sur (CAS) con el traspaso de la presidencia pro t mpore de Paraguay a Argentina. Varios temas fueron discutidos durante los dos días. Uno de ellos fue la vacunación contra la fiebre aftosa, tema en el que no hay unanimidad.

Algunos países no creen conveniente que se deje de vacunar tal como tiene planeado Brasil. El nuevo presidente del organismo, Luis Miguel Etchevehere, consideró que en la actualidad los países de la región tienen un status sanitario que se debe cuidar. "Sería malo perderlo por dejar de vacunar", dijo a título personal.

Agregó que la carne que se produce y se exporta no pierde mercados por la situación de tener que seguir vacunando. "Nuestros países llegan prácticamente a todos los mercados del mundo siendo países que no tienen aftosa con vacunación".



En la reunión se habló también de la necesidad de cuidar la producción, especialmente en cuanto a los alimentos.

En ese sentido, el ministro de Agricultura de Chile, Antonio Walker, instó a trabajar de cerca con los productores a fin de garantizar la producción de alimentos de calidad e inocuo de modo que sean preferidos por el mundo entero.

En cuanto a la pobreza, dijo que para salir de ese estado es necesario contar con una agricultura pujante, rentable y que respete el medio ambiente.

También se abordaron el tema de la agricultura familiar, cambio climático y agricultura, entre otras prioridades del organismo que nuclea a ministros de Agricultura de Argentina, Bolivia, Brasil, Chile, Paraguay y Uruguay. El único que estuvo ausente fue el representante de Bolivia.

Gremios piden no dejar de vacunar contra aftosa

06 de mayo de 2018 | Preocupa a asociaciones rurales decisión del Brasil

Representantes de asociaciones rurales de países del Mercosur no ven con buenos ojos que el Brasil deje de vacunar contra la fiebre aftosa en un plazo corto. Sobre todo porque dejará de inmunizar a sus bovinos en una zona muy cercana a la frontera entre Colombia y Venezuela, donde se había detectado un caso de aftosa, comentó Jorge Riani, de la Federación Rural Uruguaya.

Representantes de gremios pecuarios de países del sur del continente participaron también de la reunión del Consejo Agropecuario del Sur (CAS), celebrada en Asunción los días 3 y 4 pasados. Ese bloque reúne anualmente a los ministros de Agricultura y Ganadería de Argentina, Bolivia, Brasil, Chile, Paraguay y Uruguay.

El Ing. Riani, quien tiene la presidencia de la Federación de Asociaciones Rurales (FAR), fue consultado respecto de las preocupaciones de ese sector productivo a nivel regional. “Tenemos dos preocupaciones. Una, el tema de la fiebre aftosa, el episodio de Colombia y capaz la falta de transparencia que ha tenido la OIE (Organización Mundial de Sanidad Animal) en este caso, lo cual nos puede afectar en el futuro y en este caso no solo hay que ser sino parecer”, dijo a ABC.

En ese sentido, el bloque de regionales rurales pidió el viernes a los ministros de Agricultura y Ganadería del CAS que presenten la preocupación en la próxima reunión de la OIE.

Explicó que al parecer el caso de aftosa detectado se debió a que animales vacunos de Venezuela habrían sido ingresados de contrabando a Colombia. En ese sentido, reclamó mayor transparencia a los países respecto al tema de la fiebre aftosa.

“El resto de las FAR tenemos la preocupación de que Brasil va a dejar de vacunar en un plazo corto y que incluso va a dejar de vacunar por una zona muy peligrosa, como es cerca de Venezuela y Colombia. Entonces, tenemos que extremar las medidas de cuidar lo que es nuestro estatus sanitario, porque lo que son países Uruguay y Paraguay sobre todo, de poco consumo de carne y dependen mucho de la exportación de la carne que es nuestro buque insignia tanto Paraguay como Uruguay”, expresó.

Preguntado como bloque de asociaciones rurales qué tienen previsto hacer ante esa situación, respondió que le expresaron la preocupación al Brasil. “Lo que sí es que estamos muy preocupados por el tema y estamos tratando de convencer al Brasil de que no es una buena política dejar de vacunar en estos momentos porque hay altos riesgos”, insistió

SENACSA sanciona a frigorífico tras constatar contrabando de carne

Importaron 180.000 kg de carne sin la certificación del Senacsa Control, pedido de ARP

El Senacsa abrió un sumario al Frigorífico Concepción por la importación de 180.000 kilogramos de carne desde Brasil, sin la certificación sanitaria requerida, informó ayer el presidente de la institución, Dr. Hugo Idoyaga.

CONCEPCIÓN (Aldo Rojas Cardozo, corresponsal). En la noche del jueves último policías de la Brigada Especial Antiabigeato (BEA) demoraron seis camiones que contenían unas 30 toneladas cada uno de carne vacuna (180 Tn en total), que fueron ingresadas desde el Brasil por la Aduana de Pedro Juan Caballero.

Los camiones tenían como destino el Frigorífico Concepción. El fiscal Celso René Morales, de la unidad especializada Antiabigeato de Concepción, tomó intervención en el hecho. Según explicó a ABC Color el agente del Ministerio Público, los seis camiones que contenían carne fueron retenidos por los uniformados en el puesto policial ubicado a pocos metros del Frigorífico Concepción y tras la revisión primaria realizada en la noche del jueves, fueron liberados. Los vehículos tenían despachos aduaneros otorgados por la oficina de Aduanas de la ciudad de Pedro Juan Caballero.

“No era abigeato ni contrabando, tenía todo en regla sus documentos. Estaban con precinta de la aduana y según me explicaron los responsables de la carga, que la carne es para consumo interno de nuestro país, para producir hamburguesas”, refirió el agente.



El fiscal Celso Morales dijo también que ayer pidió un informe al Senacsa para saber si es que existe una autorización de parte de esa institución para el ingreso de carne brasileña a nuestro país. “No tengo hecho punible que investigar y la carpeta fiscal fue enviada a Asunción”, argumentó.

Sin certificación

Mientras, consultado sobre el tema en Asunción, el presidente del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), Dr. Hugo Idoyaga, dijo a nuestro diario que el referido cargamento de carne “es un producto que entró al país sin documento sanitario, ante lo cual Senacsa dispuso un sumario administrativo a la empresa, a fin de ubicar esos productos y una vez ubicados proceder al trámite de rigor pertinente, que deberá ser el decomiso y la destrucción de esos productos”, expresó.

Control, pedido de ARP

También preguntamos al vicepresidente de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), Manuel Riera, sobre este caso. El mismo afirmó que la intervención fue realizada en el marco de los controles aleatorios solicitados por la ARP para la lucha contra el abigeato y el tráfico ilegal de productos de origen ganadero. El valor total de la carga de carne brasileña de los seis camiones se estima en US\$ 600.000, según otras fuentes del sector consultadas.

Senacsa resolvió intervenir Frigorífico Concepción

09 de mayo de 2018 El Senacsa resolvió intervenir Frigorífico Concepción y mientras dure la medida la citada industria cárnica no podrá importar ni exportar carne.

El titular del Senacsa, Hugo Idoyaga, comentó ayer que la mercadería sin documentación requerida no está siendo encontrada. “Estamos haciendo las averiguaciones. Hay un plazo de 48 horas. Si no hay respuesta, podrían darse sanciones más duras. La empresa importadora es Frigorífico Concepción. El producto puede estar en otro local, no necesariamente en el frigorífico número 38. Tenemos que tener a la vista ese producto. Mientras no lo tengamos a la vista, no hay levantamiento de las sanciones administrativas”, declaró ayer a ABC Cardinal.

El funcionario dijo que la citada empresa cárnica tenía autorizaciones semanales para importar la carne hasta un tope de 150 toneladas, que significan cuatro o cinco permisos de 25 toneladas. Sin embargo, el frigorífico habría metido al país muchas toneladas más.

Vínculo con Villasanti

Por otra parte, el presidente de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), Luis Villasanti, negó ayer que tenga vínculos comerciales con el Frigorífico Concepción, dueña de la carga de carne importada desde el Brasil. Reconoció que con el dueño de la planta industrial, Jair de Lima, comparte una sociedad comercial, consistente en una “pequeña casa de crédito” en Concepción.

“Yo no tengo nada que ver en el frigorífico, y si yo hubiese sido una persona que le protegía al señor Jair de Lima no hubiese hecho justamente hacer intervenir a la Comisión Nacional de Lucha contra el Abigeato y Delitos Conexos (Conalcar). La Conalcar depende de la Rural. Las cosas hay que separarlas; una cosa es el frigorífico. Tengo una sociedad con él, pero no tiene nada que ver con el frigorífico”, dijo ayer Villasanti a ABC Cardinal.

Señaló que desde la ARP cuestionan la práctica en que incurrió Frigorífico Concepción, puesto que pone en peligro el estatus de Paraguay en cuanto a la producción y exportación de carne de calidad. “Es doloroso. Sentimos y nos golpea a todos”, apuntó.

Cámara Paraguaya de la Carne Respalda Gestión Del Senacsa

09 DE MAYO DE 2018 | Prestigio de carne paraguaya en juego con ingresos desde Brasil

La detección del ingreso de carne del Brasil a nuestro país sin certificación sanitaria del Senacsa puede preservar el prestigio internacional de la carne paraguaya, dijo el titular de la Cámara del sector, Juan C. Pettengill.

El presidente de la Cámara Paraguaya de Carnes fue consultado ayer por nuestro diario respecto a la importación de 180.000 kg de carne desde Brasil sin la certificación sanitaria requerida. El jueves pasado fue detectado un cargamento de 180.000 kilos de carnes en seis camiones frigoríficos ingresados del Brasil con destino a la planta industrial del Frigorífico Concepción, ubicada en el departamento de Concepción.

La importación de carne está autorizada en nuestro país, pero para su ingreso el Senacsa tiene que certificar la calidad del producto. En este caso el cargamento no cumplió con ese requisito.

“Esperemos que el Senacsa salvaguarde los intereses de toda la industria, de toda la cadena de la carne como siempre lo ha hecho y vamos a esperar el resultado de su sumario”, respondió Pettengill, agregando que desde el gremio de la carne aplauden la intervención hecha por el Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal.

Señaló que el gremio de la industria cárnica le da todo su apoyo al organismo sanitario estatal, así como al Ministerio de Industria y Comercio, a la Aduana y al Ministerio Público. “Confiamos en que los



estamentos del Estado van a actuar de forma idónea como han actuado casi siempre en estos casos y vamos a esperar a ver qué arroja el resultado del sumario”, apuntó.

Preguntado si la situación creada con el cargamento de carne brasileña ingresada al país sin la certificación sanitaria del Senacsa afectará a la exportación de este importante rubro, Pettengill dijo que no, porque esa carne estaba destinada para el consumo interno en nuestro país.

“La reexportación es un fraude total y eso ya es muy complicado. Entonces, los mercados internacionales van a ver con buenos ojos de que el Senacsa haya detectado una anomalía y haya actuado en consecuencia”.

Pettengill cree que quienes podrían verse afectados por la importación de carne brasileña son los productores. “Los que sí se van a ver perjudicados directamente por esta importación masiva de cortes en forma regular e irregular van a ser los productores, que van a ver cómo el precio del animal se ajusta hacia abajo por toda esta importación irregular. En cuanto a los mercados de exportación, ninguno (se verá afectado), el mercado interno local, el productor sí”, sostuvo.

Ya el 24 de marzo pasado un camión con carne procedente de Brasil había sufrido un percance a la entrada de la planta que posee Frigorífico Concepción en Mariano Roque Alonso.

Senacsa dice que ubicó cargamento de carne que ahora debe destruirse

10 de mayo de 2018 | Aduanas sospecha que documentos habrían sido adulterados

Senacsa ubicó finalmente el cargamento de carne bovina ingresada del Brasil sin certificación sanitaria y ahora analiza los pasos y condiciones en que se procederá para su destrucción. Por parte de Aduanas, su titular dijo que tienen sospechas de que se adulteraron certificados del Senacsa para esta importación de carne.

El titular de Senacsa, Hugo Idoyaga, fue consultado ayer por este diario respecto a la investigación y seguimiento que hacen al cargamento de 180.000 kilos de carne bovina que fue ingresado al país desde el Brasil sin la documentación sanitaria que la ley vigente exige. “Ya tenemos identificado (el cargamento). El equipo investigador culminó su tarea. Detectamos el cargamento. Sabemos dónde está el producto y estamos esperando el informe final para proceder de acuerdo a lo que la ley establece: el decomiso y la destrucción”, expresó.

Señaló también que previamente deberán concluir con los trámites administrativos de carácter investigativo, las documentaciones respectivas y luego proceder de acuerdo a las normas vigentes para estos casos.

“El cargamento ya está identificado y lo tenemos ya retenido. Estamos pensando cómo destruir, estamos en reunión, porque destruir eso no es fácil y tenemos que prever ciertas cosas”, dijo.

Sospechas de Aduanas

Por su parte, el director de Aduanas, Nelson Valiente, expresó sus sospechas de que en este caso se adulteraron certificados del Senacsa para facilitar la importación de carne desde el ya citado país vecino.

Consultado por este diario, dijo que en la verificación de documentos y las firmas hay llamativas diferencias de los certificados originales y genuinamente emitidos por el Senacsa. “Por nota elevamos al Senacsa, que es el órgano emisor de estos documentos, para que nos confirmen. Le solicitamos fotocopia de los documentos que tenemos dudas y estamos a la espera de que Senacsa analice todos estos documentos que le enviamos y nos confirmen si efectivamente se trata de certificados adulterados, truchos o si son genuinos”, expresó Valiente.

El pasado miércoles 2 de mayo, en el puesto de control de Concepción, la Conalcart (Comisión Nacional de Lucha Contra el Abigeato, el Rollo Tráfico y Delitos Conexos) y la Colcat (Comisión de Control de Animales en Tránsito) informaron al Senacsa de la retención de seis camiones de carne vacuna de procedencia brasileña con destino al Frigorífico Concepción. Los cargamentos no contaban con la certificación fitosanitaria correspondiente. Además, la comercialización de carne vacuna de importación no está autorizada a través de frigoríficos habilitados para exportar.

Destruyen 140 Ton. de carne

11 de mayo de 2018 VILLA HAYES (Rocío Portillo, corresponsal). Unas 140 toneladas de carne fueron desnaturalizadas y enterradas ayer en la propiedad de la firma El Farol, en Villa Hayes, Chaco, en el marco del sumario que instruyó el Senacsa al Frigorífico Concepción por el ingreso ilegal de seis camiones con dicho producto desde el Brasil. Así informó en el lugar, el titular de Senacsa, Hugo Idoyaga. En principio se había hablado de unas 180 Ton.

“El Senacsa incautó este cargamento que ingresó ilegalmente desde el Brasil, la ley establece que debe ser destruido, ahora está en manos de la Fiscalía investigar el hecho para determinar las responsabilidades de los actores”, explicó Idoyaga. Detalló que de lo incautado solo se encontraron documentos de ingreso al país por 25 Ton., pero el volumen hallado en el frigorífico al que fue destinado en Asunción fueron 140 toneladas aproximadamente.

Bloqueo de Rusia



Por otro lado, ayer se supo que el Servicio Federal de Vigilancia Veterinaria y Fitosanitaria de Rusia suspendió temporalmente las compras al Frigorífico Concepción. Esto después de que el lunes Senacsa suspendiera justamente al mismo frigorífico el permiso para exportar.

Fiscal imputa al presidente de un frigorífico por contrabando de carne

11 De Mayo De 2018 | pide el arresto domiciliario de Jair Antonio de Lima y de otras siete personas
La fiscalía Estefanía González imputó anoche al presidente de Frigorífico Concepción, Jair Antonio de Lima, por contrabando de 180.000 kilos de carne. Pidió a la justicia su arresto domiciliario. Además de Jair de Lima fueron imputados por contrabando y producción de documentos no auténticos y otros hechos, siete personas más que estaban al mando de los vehículos en los cuales era transportada la carne.

Los afectados por la disposición de la agente del Ministerio Público son: Ednor Fernández Delmondes, Gerson Andrés Wasen, Lindiomar Lima de Souza, Jader Pires de Andrade Filipo, Amado Ramón Gauto González, Carlos Mendoza y César Dos Santos Toledo. En el escrito fiscal se explica que el 2 de mayo pasado, siendo las 23 horas aproximadamente, en el puesto de control policial N° 8, de Concepción, kilómetro 4 ruta General Rafael Franco, personal policial del Departamento de Lucha contra el Abigeato verificó seis vehículos refrigerados. Los conductores al ser requeridos sobre el producto que transportaban dijeron que era carne de procedencia brasilera, perteneciente al Frigorífico Concepción.

Los choferes exhibieron documentos de supuestos despachos aduaneros de Pedro Juan Caballero, departamento de Amambay, sin sello ni firma de los encargados de dicha oficina aduanera ni de Senacsa, de acuerdo a las constancias del cuaderno de investigación fiscal.

Luego tomó intervención el fiscal de Concepción, Celso Morales, así como César Augusto Dos Santos Toledo, gerente de la empresa transportadora. Posteriormente, el agente del Ministerio Público dispuso que los camiones sean trasladados al predio del Frigorífico Concepción para la verificación, que se realizó el 3 de mayo.

El 7 de mayo, el Dr. Hugo Idoyaga, presidente de Senacsa, informó que conforme a registros oficiales dichos productos no contaban con las documentaciones sanitarias requeridas por parte de Senacsa para su importación. En la carpeta también obran copias simples de supuestos despachos aduaneros sin firma ni sello de funcionarios de Aduana.

ARP condena y el MIC acusa

11 de mayo de 2018 La Asociación Rural del Paraguay (ARP) condenó anoche los hechos en que se involucró el Frigorífico Concepción con la importación de carne del Brasil sin la autorización sanitaria del Senacsa, porque pone en riesgo todos los mercados internacionales conquistados por la carne con el esfuerzo de todos los paraguayos.

El vicepresidente del gremio, Manuel Riera, dijo que los hechos que concluyeron ayer con la destrucción del cargamento, autorizan a la ARP a expresar su condena.

Respecto a la acusación que hizo el ministro de Industria y Comercio, Gustavo Leite, al presidente de la ARP, Luis Villasanti, de mantenerse en silencio ante la importación ilegal de carne brasileña por parte de su socio comercial Jair de Lima, dueño del Frigorífico Concepción, Riera señaló que la ARP estaba callada porque no podía acusar cuando que en el acta del fiscal interviniente, Celso Morales, decía que al no haber encontrado ninguna irregularidad estando toda la mercadería amparada en el despacho de importación, procedió a entregar la mercadería al frigorífico Concepción. "Hoy estamos autorizados a decir de que este es un acto que la ARP reprueba", expresó Riera.

Leite dijo ayer en Mburuvicha Róga que el frigorífico Concepción importó solo en los cinco meses de este año 7.362 toneladas de carne desde el Brasil, pero que el Ministerio de Industria y Comercio (MIC) no otorgó este año ninguna licencia previa de importación necesaria para dicho rubro.

Agregó que el Senacsa solo tiene registrados 3.600 toneladas importadas este año por el citado frigorífico desde el Brasil, por lo que se están controlando si la diferencia de los datos de Aduanas y Senacsa no se debe a falsificación de documento público o a contrabando, que tendrían sus penalizaciones jurídicas correspondientes.

UNIÓN EUROPEA

El Mercosur espera respuesta de la Unión Europea a sus pedidos agrícolas

08/05/2018 Canciller paraguayo habló con comisaria europea de Comercio.

Agrícola. Es un sector sensible para la Unión Europea (UE).

El Mercosur espera respuestas de la Unión Europea (UE) a los pedidos en el campo agrícola solicitados por el bloque suramericano en las conversaciones para alcanzar un acuerdo de asociación, informó ayer a los medios el canciller de Paraguay, Eladio Loizaga.



“Existe un espíritu muy importante del Mercosur de avanzar, de flexibilizar algunas situaciones que se presentan. También la Unión Europea nos tiene que pasar a nosotros los requerimientos que hemos hecho, especialmente en el campo agrícola”, señaló el canciller.

Loizaga avanzó también que ayer conversó con la comisaria europea de Comercio, Cecilia Malmström, para fijar “el timing (la programación) de lo que se haga en el mes de mayo” y conseguir “cerrar definitivamente” el acuerdo.

El canciller paraguayo habló la semana pasada con sus homólogos de Uruguay, Brasil y Argentina, miembros del Mercosur junto con Paraguay, para informarles del estado de las negociaciones tras la reunión técnica celebrada en Bruselas (Bélgica) a finales de abril.

En ese encuentro entre ambos bloques se volvieron a abordar los temas espinosos de las conversaciones, como los productos lácteos, los servicios marítimos, las indicaciones geográficas o el acceso a los mercados en el sector automotor, un asunto en el que Brasil se resiste a ceder.

Los negociadores de la UE advirtieron al concluir el encuentro en Bruselas de que sería “difícil” avanzar sin “ningún movimiento” del Mercosur, aunque calificaron como “útiles” las conversaciones de estos días.

Por su parte, Loizaga pidió entonces “flexibilidad” al bloque europeo.

La intención de las dos partes es cerrar el acuerdo antes de que las elecciones que se celebrarán a ambos lados del Atlántico en los próximos meses hagan perder esta nueva oportunidad.

Brasil tiene cita con las urnas el próximo octubre, mientras el Parlamento Europeo se renovará en los comicios de mayo de 2019, y ninguno de los dos bloques desea que la firma del acuerdo se demore tanto. Las negociaciones para un acuerdo comercial entre la UE y el Mercosur comenzaron en 1999, si bien estuvieron completamente bloqueadas entre 2004 y 2010 y solo se retomaron de nuevo en 2016.

Con Argentina. Por su parte, el pasado jueves el canciller argentino, Jorge Faurie, se reunió en Buenos Aires con su par uruguayo, Rodolfo Nin Novoa y allí acordaron reunir a la Comisión Bilateral de Asuntos Comerciales a partir de junio para negociar “la facilitación del comercio recíproco y la resolución de eventuales dificultades para el acceso de productos a los mercados de ambos países”.

Una futura firma de un memorando para la cooperación bilateral antártica, en particular en las áreas científica y logística, fue otro de los temas que pautaron como pendiente. [EN BASE A EFE]

ESTADOS UNIDOS

Prevén abundante oferta de hacienda gorda

10 May 2018 US - With big supplies of fed cattle scheduled to come to market in Q2, futures participants have adopted a shoot first and ask questions later kind of mentality, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

April fed cattle were sold quite aggressively at the end of March only to recover all the lost ground by the end of April when the contract came into expiration. With the choice cutout hovering in the \$230/cwt area, a few more questions are now bubbling up to the surface with regard to the June contract.

June fed cattle dropped under \$100/cwt at the end of March but have been slowly trending higher since then as spot fed cattle prices remain stubbornly high. Packers ended up paying significantly more for cattle in the first week of May than many thought possible. And they still made a lot of money despite the higher prices.

The comprehensive cattle report published on Wednesday showed the average price of cattle sold on a dressed basis was \$195.5/cwt, \$2.49 higher than the previous week while the price of cattle sold on a live basis was \$124.92/cwt, \$1.32/cwt higher than the week before. Early calls are for fed cattle to be lower this week but one needs to consider that with an \$18 basis in place the expected declines already have been priced in this market, and then some.

Packers paying for cattle last week offered some insights into their thinking as they purchased some 49,000 cattle for delivery in the second half of May. The average price on those cattle was \$193/cwt or \$122/cwt on a live basis. That's still quite a premium to the June contract, which closed Wednesday at 106.3.

Beef demand will be critical and participants will pay close attention to beef sales not just during the key Memorial Day week end but also Mother's Day weekend (don't forget its this weekend) and Father's Day in mid-June.

The choice beef cutout has rocketed higher and we think the following chart illustrates the huge gap between the reality of high beef prices paid by end users vs. the extreme bearishness of futures participants pricing cattle for June, August and the rest of the year. Gains have been broad based.

Middle meats continue to drive the cutout, with both ribs and loins trading higher than many expected. Robust exports also have played a role, best evidenced in the high price of chucks and short plates. Packers are short for the moment and the large number of cattle sold in the negotiated market last week reflects some of that.



Forward beef sales made for delivery 22-60 days out was as big or bigger than a year ago in April. These are sales that will cover retail promotions for Memorial Day. Beef sales for 61-90 days out have been far bigger than they were a year ago, possibly indicating that retailers and other end users took advantage of the sale sign back in April to get summer needs covered.

Despite these big beef forward sales, packers have fewer cattle bought on a forward basis for delivery in May and June. For the week ending 7 May, packers had purchased 201,647 cattle for delivery in May, 40,109 head (-17 per cent) less than a year ago and June deliveries were also down by a similar amount.

NAFTA negociaciones en una etapa crítica

Reuters Staff May 7, Canadian Foreign Affairs Minister Chrystia Freeland talks to U.S. Trade Rep Robert Lighthizer and Mexican Secretary of Economy Ildefonso Guajardo Villarreal (L) after a NAFTA trilateral ministerial press event in Washington, U.S. on October 17, 2017. (Reuters)

Talks to update the NAFTA trade deal enter a make-or-break week, as senior Canadian, U.S. and Mexican officials seek to resolve an impasse in key areas before elections in Mexico and the United States complicate the process.

Discussions in Washington will center on rules of origin governing what percentage of a car needs to be built in the North American Free Trade Agreement region to avoid tariffs, the pact's dispute-resolution mechanism and U.S. demands for a sunset clause that could automatically kill the deal after five years.

U.S. Trade Representative Robert Lighthizer warned last week that if the talks took too long, approval by the Republican-controlled Congress may be on "thin ice." The aim is to complete a vote during the "lame-duck" period before a new Congress is seated after November's congressional elections.

Sources close to the talks suggest there is a creeping feeling of uncertainty and pessimism going into the new round because of gridlock on the most critical issues.

Mexican Economy Minister Ildefonso Guajardo, who is set to meet Lighthizer and Canadian Foreign Minister Chrystia Freeland, said unless a deal in principle were agreed by mid-May there was almost no chance the current U.S. Congress could vote on it.

"The problem is that the remaining 20 percent is highly complex and strategic to do. It could even be more difficult than the 80 percent that has already been done," he told El Heraldo newspaper in an interview published on Monday.

Mexico holds its presidential election on July 1 and the front-runner, leftist Andres Manuel Lopez Obrador, says he wants a hand in redrafting NAFTA if he wins.

At the heart of the NAFTA revamp is U.S. President Donald Trump's desire to retool rules for the automotive sector in order to try to bring jobs and investment back north from lower-cost Mexico. Despite months of talks on the issue, the sides remain far apart.

Guajardo said if a deal could not be reached, "we would be operating what some analysts have called 'Zombie NAFTA' ... (one) that isn't dead and isn't modernized".

Mexico's main auto sector lobby has described the latest U.S. demands, which include raising the North American content to 75 percent from the current 62.5 percent over a period of four years for light vehicles, as "not acceptable."

Flavio Volpe, president of Canada's Automotive Parts Manufacturers' Association, predicted "a potentially stressful set of meetings when we pick this back up."

The U.S. proposal also would require that 40 percent of the value of light-duty passenger vehicles and 45 percent for pickup trucks be built in areas with wages of \$16 per hour or higher.

That is seen as a hard pill to swallow for Mexico, where the Ann Arbor, Michigan-based Center for Automotive Research has estimated auto assembly workers on average earn under \$6 an hour, and workers at auto parts plants on average earn less than \$3 an hour.

Bureaucratic Nightmare

Critics also say it would create a bureaucratic nightmare of paperwork.

Talks to renegotiate NAFTA started last August to fulfill a campaign pledge by Trump to bring manufacturing jobs back to the United States.

Nine months later, the most troublesome issues remain open. The United States has stuck with a proposed sunset clause for the new deal, which would mean the agreement would need to be renewed every five years, a move that critics say would create huge uncertainty for businesses.

Another contentious U.S. proposal is to repatriate dispute resolution to the domestic legal system from international tribunals. Both Canada and Mexico oppose that measure, and so does U.S. business.

Asked if an agreement were possible this week, a Mexican source close to the talks said: "The possibility is there, but it will depend on whether the United States is flexible."

Trump has frequently said he would pull out of NAFTA if a better deal was not possible, although he has sounded more positive about the deal in recent weeks.

It is unclear where the United States will give ground to win a quick deal. The Trump administration has embraced confrontational policies in its dealings on trade.



US & CHINA preocupación por Guerra tarifaria

10 May 2018 - Nebraska Governor Pete Ricketts expressed deep concern on Monday over possible tit-for-tat tariffs between China and the United States, but is optimistic that a negotiated solution can be found.

The governor, a businessman-turned-politician, said that the tariffs proposed by the Trump administration against China are "certainly a cause for concern among farmers and ranchers".

Nebraska has been caught in the crossfire of a potential tariff war between the two countries, with Chinese retaliatory tariffs targeting a number of US agriculture products following the US' imposition of steel and aluminum tariffs in the name of national security and a threat to slap tariffs on \$150 billion in Chinese imports under Section 301 of US Trade Act of 1974.

"Agriculture is the largest industry in Nebraska. It's about 20 per cent of the overall state economy, and one in four jobs in Nebraska is tied back to agriculture," Gov Ricketts said on Monday.

He said there is concern when China is talking about potential tariffs and people in Nebraska are worried that something will happen with the tariffs.

"That brings uncertainty," said Gov Ricketts, who traveled to China in 2015 and 2016.

"Now the good news is we got time to work this out," he said, a Republican who became governor in 2015.

Noting that it's the beginning of the planting season, Gov Ricketts said there is some time to conclude a trade negotiation with China.

"That's really what we are encouraging the administration to do. We want to get this trade negotiation done so we can continue to enjoy the market access in China and that mutually beneficial relationship through trade," he said.

Gov Ricketts' talk came three days after a senior US team led by Treasury Secretary Steven Mnuchin concluded two days of talks in Beijing on bilateral trade and investment issues.

The 53-year-old Governor, a part-owner of the Chicago Cubs baseball team and whose father Joe Ricketts is the founder of brokerage firm TD Ameritrade, said there are opportunities for Nebraska to further expand into the Chinese market, citing China's resumption last year of US beef imports.

China lifted its ban on US beef imports imposed about 14 years ago upon concern over mad cow disease. Nebraska is the top US beef-exporting state and was the fifth-largest pork exporter in 2017.

China is Nebraska's second-largest goods-export market in 2017 after Canada and was its third-largest services-export market in 2016, trailing Canada and the United Kingdom. Oilseeds, grains and meat products are Nebraska's largest export items to China, according to a report by the US-China Business Council on 30 April.

VARIOS

AUSTRALIA: Cattle Council objetó el uso de la palabra carne para productos surgidos de laboratorios

07 May 2018 AUSTRALIA - The peak body for Australia's cattle industry considers calling for reforms to prevent lab-grown meat from being labelled "meat".

According to ABC Online - Radio Australia, the peak body for Australia's cattle industry says it is considering calling for reforms to prevent lab-grown meat from being labelled "meat".

Experts think a commercial industry to supply meat grown from stem cells in a laboratory is achievable within the next decade and there is also rising demand for plant-based meat alternatives.

France recently banned the use of the words "meat" and "dairy" on vegan and vegetarian food labels, while farm lobby groups in the United States are calling for cell-grown and plant-based replicas to be labelled as such.

Cattle Council of Australia chief executive, Margo Andrae, said her organisation did not want to see a repeat of the dairy industry's battle over the term "milk" and "dairy" and was considering its own defensive options.

"Calling it meat is a lovely reach for them [cultured meat companies], but I think it should be called what it is, which is lab-grown protein," she said.

The definition of meat

Mrs Andrae said she would like to see meat legally defined as coming from the flesh of a slaughtered animal, and that existing definitions of meat in Australia may need to be bolstered.

"We currently have various legal protections for terminology around utilising the term meat for products," she said.

"We're assessing whether these are adequate for what we're starting to see coming through and what we're seeing other countries do."

There are various regulations in Australia that define meat. However, they could be open to interpretation and reviews if — or when — cell-based agriculture becomes a commercial possibility.



Australia's food safety regulator, Food Standards Australia New Zealand, says in its food standards code that meat needs to come from "the whole or part of the carcass of [cattle]".

It also says meat must not come from and does not include "foetuses or the parts of foetuses".

Given most lab-grown meats are currently made using Foetal Bovine Serum — a product made from the blood of an unborn calf that has been extracted before its birth — lab meat could encounter barriers under this code.

The Meat Industry Act bans the sale and disposal of meat for human consumption unless it is from a consumable animal slaughtered and processed at a meat processing facility licensed for that purpose.

"We believe there will need to be some changes, and while a lot of people would think these terms are protected, the reality is we have to make sure they are," Mrs Andrae said.

"So we would like to see that [meat is legally defined as coming from the flesh of an animal], but we need to do our homework because there are so many unknowns."

Meat labelling a hot issue in US, France

The Cattle Council's view is in line with the strategy taken by the United States Cattlemen's Association (USCA).

The USCA is lobbying America's Department of Agriculture to define meat as coming from the flesh of an animal, slaughtered using traditional methods.

USCA director of policy Lia Biondo is calling on Australia's cattle sector to follow its lead.

"We hope they [Australia] can get involved in this conversation as well," she said.

"The global meat industry, and US agriculture organisations, needs to participate in this discussion to clearly define what beef and meat products are."

Last month, France banned the use of meat and dairy-related words from vegan and vegetarian food labels and reserved them for products of animal origin.

French MP and farmer Jean Baptise Moreau pushed for the reform.

He took to Twitter to state, "It is important to combat false claims. Our products must be designated correctly. The terms of cheese or steak will be reserved for products of animal origin!"

Cellular agriculture

In March this year, an international lobby group, the Cellular Agriculture Society, was launched to help organise the cultured meat sector.

Cultured meat is also known as "clean meat", the sector's preferred term for lab-grown meat.

The Cellular Agriculture Society's founder and chief executive, Kristopher Gasteratos, said if cattle lobby groups worldwide continued to push for legislative protection of the definition of meat, it could stifle the emerging industry.

"If they are successful it could have an impact on the growth of the industry, but I'm not sure what the logical basis for that lobbying is," he said.

"It might be the exact same product that is being produced but just in a different way, so I'm not so sure how reasonable that is.

"It is important that people are aware that clean meat is the same as meat, and not labelled as a mock meat, because when we look at the molecular level and the biology of it, it would be the same."

Matt Ball is from the Good Food Institute in America, which works with clean meat companies and promotes the technology.

He agreed lab-grown meats should be called meat.

"If you have animal cells and the correct tissue formation, it is just meat at the cellular level. There's really no difference between it coming out of a clean facility or coming out of a [live] animal," he said.

Investors back lab-grown meat

Billionaire Bill Gates recently invested millions into this emerging sector and said clean meat was going to be the "future of food".

One of America's largest beef producers, Tyson Foods, invested in Memphis Meats earlier this year, following the lead of global agricultural conglomerate Cargill Inc, which invested in the company in 2017.

Mr Ball said he was confident clean meat was going to be the next big advancement in the technological production of meat.

"I think that is going to be a real game-changer for the industry."

Mr Gasteratos said the wave of investments by traditional red meat processors, as well as billionaires, was a positive sign for the emerging sector.

"They see it as the future and they know that our system of animal agriculture is one that is ripe for innovation," he said.

Mr Ball likens clean meat to how the automobile replaced horse and buggies, and foresees a time when livestock farms are a rare sight.

"I do think that it's likely that clean meat is going to eventually replace the vast majority of meat production in the world, because it's going to be able to be done in a more efficient way and it's going to become more cost effective," he said.



"So it's entirely possible that there will be a market for special products [meat from animals raised on farms], but I doubt that in 100 years that we're going to have anything like the cattle industry as we know it today."

Future of farmed meat

Professor of Meat Science at the University of Melbourne, Robyn Warner, argues there will be a place for lab and farmed meat.

"I don't think we will ever get rid of livestock production," Professor Warner said.

She also said while some clean meat start-ups are hinting at commercial releases of such products in coming years, the reality is they will first be subjected to heavy regulatory reviews.

"A lot of attention will need to be given to the regulatory process, and it will need to start going through regulation soon because that will take a while," Professor Warner said.

"Then there is the issue of if Australian consumers will accept it, which I think will come over time."

INDIA ha afectado el comercio de ganado en pie entre INDONESIA y AUSTRALIA

10 May 2018 - The introduction of frozen Indian buffalo meat in Indonesia has halved demand for Australian cattle, according to industry representatives.

ABC Online reports that Indonesia is Australia's largest live cattle market, taking more than 700,000 head in record years.

But in recent years the price of Australian cattle has skyrocketed, reaching unprecedented highs.

As a result, in 2016 the Indonesian Government allowed frozen Indian buffalo meat to be imported to provide its 260 million people with a cheaper form of protein.

The introduction of that meat to the market has seen a dramatic reduction in demand for Australian cattle, with just over 280,000 head sourced last year.

Australian exporter Kevin Mulvahil from South East Asian Livestock Services (SEALS) said it is having an affect on the whole industry.

"It is not just the exporter and producer, it is all of those involved in the supply chain," he said.

"With decreasing export numbers the holding yards, trucking companies and other service providers to the industry will all see diminished incomes because they are very much reliant on live exports for their main source of income."

Indian buffalo meat "killing us"

It is not only the Australian industry that has felt the affects, as feedlots in Indonesia are dependent on live cattle from Australia.

Feedlot manager Nyoman Budiasa from JJAA Juang Jaya Abdi Alam (JJAA) feedlot in Lampung compared this difficult period to the live export ban.

"This is the second toughest time [for industry] with demand [for Australian beef] reduced about 60 per cent. The first tough [time] was in 2011 when [Australia temporarily banned live exports]," he said.

Paulus Hadi Subroto runs a feedlot in North Sumatra, fattening up to 9,000 head of mainly imported Australian cattle per year.

When asked what impact frozen buffalo meat is having on his business, he said with a sigh "It's killing us".

"The frozen buffalo meat that is coming into Indonesia is killing the cattle industry. It is not just the live import cattle industry, but the small scale farmers [are feeling] the impact also," Mr Subroto said.

"The butchers are reducing their cuts and reducing the number of cattle they are buying from feedlots.

"However much you reduce your price, you still can't beat the frozen buffalo meat."

Indian buffalo not identified in wet markets

One of the cattle industry's main concerns is that the Indian buffalo meat is being sold alongside fresh Australian beef in local wet markets, where the majority of Indonesians buy their beef.

But the Indian buffalo meat is not identified as such, so consumers are unaware what they are buying is not Australian beef processed in Indonesia, regarded as the best quality meat.

Regina Hartono is the Director of PT Hade Dinamis Sejahtera feedlot in West Java.

"Since the introduction of Indian meat, in order for us to stay competitive we need to follow their pricing which means we need to lower our prices," she said.

"This year we only sell [Australian cattle] for 40,000 Rupiah. We bought these cattle from Australia when the price was \$3.10 plus tax, translating to 45,000-46,000Rp."

The other contributing factor is that the Indonesian Government have set a ceiling price for beef to ensure the price stays affordable for the large population.

Ms Hartono said as a result, her company has been forced to reduce its orders for cattle from Australia.

"We are not very optimistic. That is why we only import 1,000 cattle a month. If the condition was better we would import more," she said.

"Last year we were importing 1,500 a month. We are not a big player because we just started in 2016, so we have been gradually growing. But with the pricing we have been growing very slowly."



Even with the price of Australian cattle falling more than 50 cents since the start of this year, both Indonesian and Australian industry representatives would like to see less Indian buffalo meat infiltrating the market, or for that meat to be identified as such in the wet markets.

"We are not seeing any signs of imports [of frozen Indian buffalo meat] slowing," Ms Hartono said.

"[We would like to see] Indian meat imports regulated so that it leaves more room in the market for feedlot players because if they keep on importing and importing there will be no space for us to be in the market.

"I have [already] seen about three feedlots closing down because of this tough time."

KUWAIT proíbe importaciones de carnes procedentes de ZIMBABWE y COREA DEL SUR por casos de AFTOSA

10 May 2018 - The supreme food safety committee recommended banning all beef imports from Zimbabwe and South Korea, where foot and mouth disease has been detected.

Kuwait Times reports that the committee also recommended lifting previous bans on importing all types of poultry meat from UK, Denmark, Switzerland and from the US states of Missouri and Texas after they were proven free from bird flu.

The committee's secretary Adel Al-Suwait said the recommendations were made in the committee's meeting number 3/2018, in which the committee also recommended lifting the ban on fresh, chilled and processed cow, sheep and goat meat from Kazakhstan.

EMPRESARIAS

Tyson Foods ganancias en el trimestre cerrado el pasado 31/03

10/05/18 - por Equipe BeefPoint A Tyson Foods, maior empresa de carnes dos EUA, reportou hoje um lucro líquido de US\$ 315 milhões no segundo trimestre fiscal de 2018, encerrado em 31 de março, 7,35% inferior ao do mesmo período de 2017. No semestre, porém, o lucro líquido subiu 108,6% e somou US\$ 1,95 bilhão.

Assim como ocorreu no primeiro trimestre, o desempenho da Tyson foi ajudado por um ganho fiscal de US\$ 65 milhões, resultado de uma reforma tributária nos EUA, que reduziu os impostos das empresas.

As vendas da companhia americana somaram US\$ 9,77 bilhões no trimestre e US\$ 20 bilhões no semestre, com ganhos de 7,6% e 9,5% na comparação com os períodos análogos de 2017.

Por segmento, as vendas de carne bovina cresceram 1,8% em volume, com US\$ 3,68 bilhões no segundo trimestre deste ano. As vendas de carne de frango chegaram a US\$ 2,96 bilhões, com alta de 2%, enquanto houve queda de 1,1% nas vendas de suínos, que somaram US\$ 1,27 bilhão no trimestre. O segmento de alimentos industrializados teve vendas de US\$ 2,15 bilhões no período, com alta de 10,9%.

Minerva mejora en resultados operativos

10/05/18 - por Equipe BeefPoint A Minerva Foods aproveitou a melhora de cenário para as exportações de carne bovina e registrou melhora em seus resultados operacionais no primeiro trimestre do ano.

No período, a receita líquida da empresa cresceu 64,9% em relação ao mesmo trimestre de 2017 e alcançou R\$ 3,5 bilhões. O montante considera o resultado pró-forma de receita líquida e Ebitda das plantas que a companhia adquiriu da JBS em outros países do Mercosul, em agosto, por R\$ 1 bilhão.

Ainda assim, efeitos cambiais sem efeito caixa pesaram no trimestre e o resultado líquido fechou no vermelho (R\$ 114,7 milhões), enquanto de janeiro a março de 2017 a companhia havia reportado lucro de R\$ 2,5 milhões.

Com a aquisição das plantas da JBS no Mercosul, a Minerva aumentou sua exposição no mercado externo. A receita bruta com as vendas no mercado externo somaram R\$ 2,3 bilhões no primeiro trimestre de 2018 (62,5% do total) e as vendas no mercado interno ficaram em R\$ 1,4 bilhão (37,5%). Na comparação com o mesmo período do ano passado, houve aumento de 68,4% da receita externa e de 54,6% na doméstica.

Na Argentina, as exportações atingiram cerca de 75% de toda a produção in natura e a expectativa é de avanço, como forma de a empresa se proteger da crise vivida no vizinho. "A Argentina tem um potencial de crescimento em exportações significativo", disse Fernando Galletti de Queiroz, presidente da Minerva.

Para 2018, a companhia estima receita líquida de R\$ 14,5 bilhões a R\$ 15 bilhões. Em 2017, foram R\$ 14 bilhões. A projeção divulgada considera um dólar médio de R\$ 3,40. "Já temos capital de giro necessário para atingir esse guidance", disse Galletti em conversa com jornalistas.

O lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) ajustado somou R\$ 285 milhões de janeiro a março, alta de 44,3% na comparação anual. A margem Ebitda ficou em 8,1%, ante 9,2% no primeiro trimestre do ano passado.

A Minerva informou que o consumo de carne bovina ficou estável no Brasil no primeiro trimestre do ano mesmo com o aumento da oferta de frangos, proteína mais barata. No trimestre, a Minerva registrou abates totais 63,8% maiores, e no Brasil houve aumento de 31,9%.



11/05/18 - por Equipe BeefPoint A margem dos frigoríficos de carne bovina no Brasil foi afetada no primeiro trimestre pela recuperação da JBS, reconheceu hoje o presidente-executivo da Minerva Foods, Fernando Galletti de Queiroz. No primeiro trimestre, a margem Ebitda da Minerva foi de 8,1%, ante 9,2% um ano antes.

"[Foi] muito mais concorrido pela volta da JBS", disse o empresário, em teleconferência com analistas e investidores. No ano passado, a JBS reduziu drasticamente os abates em razão da Operação Carne Fraca e do impacto da delação dos irmãos Batista. Desde o último trimestre do último ano, porém, a JBS vem recuperando sua participação. A empresa dos Batista é a maior produtora de carne bovina do Brasil. Depois da pressão de margem no primeiro trimestre, a expectativa de Galletti é que a rentabilidade já melhore neste segundo trimestre. De acordo com ele, o preço do boi gordo caiu ao longo do segundo trimestre, refletindo a maior oferta de animais.

Marfrig acciones en alza por la venta de Keystone

10/05/18 - por Equipe BeefPoint Nem foi preciso pegar carona no otimismo que dominou a B3 por causa da Petrobras, que disparou com a crise entre EUA e Irã. A Marfrig tinha motivos próprios para a alta de 9% no pregão paulista já no começo da manhã de ontem: a expectativa de que está próxima a conclusão da venda da Keystone, sua subsidiária integral americana especializada no fornecimento de carnes a redes de restaurantes.

Anunciada no mês passado, a venda era esperada ainda para este semestre. O gatilho da disparada da Marfrig na bolsa veio com a informação da agência Bloomberg de que as americanas Cargill e Tyson Foods, assim como a chinesa Fosun International, teriam expressado interesse na compra da Keystone.

Ao Valor, pessoas que acompanham as negociação confirmaram que as conversas estão em estágio "avançado" e que a venda deverá sair por entre US\$ 2,3 bilhões e US\$ 3 bilhões. E acrescentaram um novo potencial interessado no tabuleiro: a também chinesa Cofco, que já é sócia da Keystone na China e não esconde a pretensão de elevar sua participação no mercado de carnes.

O anúncio da venda da Keystone ocorreu em abril em meio à surpreendente aquisição de 51% da americana National Beef, por US\$ 1 bilhão (o equivalente a R\$ 3,3 bilhões no câmbio da época). A empresa é a quarta maior produtora de carne bovina dos EUA.

Com a tacada, a Marfrig se tornou a segunda maior empresa de carne bovina do mundo, superando Tyson e ficando atrás somente da JBS. Na área financeira, a empresa conseguiu reduzir seu índice de endividamento graças ao lucro antes juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) de R\$ 1,7 bilhão gerado pela National Beef anualmente. Com isso, houve uma valorização de cerca de 40% da Marfrig na B3 nos dois dias seguintes ao anúncio.

A compra da National Beef e a venda da Keystone representam, para a Marfrig, uma volta às origens, já que a companhia volta a concentrar sua atuação no segmento de carne bovina, onde começou.

Para vender a Keystone, a Marfrig contratou o J. P. Morgan. Desde o começo, a Tyson é encarada no mercado como a mais forte candidata a fechar negócio com a empresa brasileira, uma vez que tem ampliado sua participação em valor agregado e no food-service.

A americana Pilgrim's Pride, controlada pela JBS, também poderia se interessar pela Keystone, mas por ora seu objetivo é digerir a compra da Moy Park e contribuir para a desalavancagem da dona brasileira.

Marfrig lanzó en Uruguay la marca Tacuarembó Steakhouse

Mayo 9, 2018 La nueva línea fue pensada exclusivamente para Uruguay, con cortes vacunos seleccionados y de primera calidad

Con el objetivo de generar valor en su cadena comercial a nivel regional, Marfrig creó la marca Tacuarembó Steakhouse, dirigida al sector gastronómico local, en el marco de una alianza con la distribuidora uruguaya Dicasold.

Según se informó a El Observador, el acuerdo entre ambas compañías forma parte del programa One Stop Shop que Marfrig lleva adelante en Brasil.

La unión con Dicasold, se indicó, es "estratégica" para Marfrig, que por primera vez buscará posicionarse como proveedor integral del sector gastronómico fuera de Brasil.

Tacuarembó Steakhouse comprende un amplio portafolio de carnes e insumos elaborados en base a proteína animal en las plantas de Marfrig en Uruguay, entre ellas el Frigorífico Tacuarembó.

Su llegada complementará la actual propuesta de Dicasold, especialmente desarrollada para el canal food service, que incluye productos secos, enfriados y congelados, como papas, panificados y lácteos.

"Esta alianza, así como la integración de Tacuarembó Steakhouse a nuestra producción, que se suma a las prestigiosas marcas que producimos y representamos, nos permite ampliar la oferta a nuestros clientes, facilitando la gestión de sus recursos y garantizando la calidad de nuestros productos a lo largo de toda la cadena de valor. Uruguay es el primer país de la región fuera de Brasil en el que Marfrig



implementa esta estrategia y tenemos grandes expectativas", señaló el CEO de Marfrig Global Foods, Martín Secco.

En tanto, el COO de Marfrig Uruguay, Marcelo Secco, explicó que por el momento la nueva línea "fue pensada exclusivamente para el país, con cortes vacunos seleccionados y de primera calidad, que junto a los productos que ya elaboramos conforman una cartera sin precedentes en el mercado uruguayo. Cuenta a su vez con el respaldo de la marca Tacuarembó y con la posibilidad de desarrollarse a gran escala en las cinco plantas industriales que tenemos en el país, que trabajan de forma coordinada".

Por su parte, el director de Dicasold, Javier Vitabar, indicó que la empresa generará una nueva línea de negocios denominada Dicasold Food Service para distribuir los productos de Marfrig y extender sus servicios en Uruguay.

"Para nosotros esta asociación es una excelente oportunidad de complementariedad y fortalecimiento, pero al mismo tiempo representa un gran desafío y compromiso hacia el futuro, al convertirnos en la primera empresa especializada en el canal food service del país, además de llegar a los comercios minoristas y supermercados. Dicasold cuenta con más de 20 años de conocimiento del mercado y experiencia en la expansión de marcas de primer nivel, como Bauducco, Aviko, SanCor, Talar entre otras, lo que constituye una propuesta de valor para nuestros clientes", apuntó.

Marfrig Global Foods es una de las mayores compañías globales de proteína animal. Su división Beef en Uruguay es uno de los grupos económicos privados más grandes de Uruguay, con una facturación de aproximadamente US\$ 550 millones –de acuerdo al ejercicio fiscal cerrado a setiembre de 2017– y una plantilla de 3.200 colaboradores, siendo el que posee el portafolio de productos más diversificado de la industria, tanto para el mercado interno como para la exportación. Cuenta con cuatro plantas frigoríficas, una arrendada de productos enlatados y un feedlot. Tiene una capacidad de faena de 3.600 bovinos por día y es líder en Uruguay en materia de procesamiento vacuno.

A nivel mundial, Marfrig Global Foods cuenta con 48 unidades de producción, comercialización y distribución, estando en 12 países. La división Beef de Marfrig Global Foods es una de las mayores productoras de carne bovina del mundo. Está dividida en las operaciones Brasil e Internacional. La operación en Brasil está compuesta de 20 unidades, tiene amplia experiencia en el segmento de food service y es pionera en la promoción y comercialización de carne bovina y ovina, mientras que Beef Internacional, con 10 unidades, es la responsable de las operaciones activas en Uruguay y en Chile. La operación brasileña se destaca por el volumen y la Internacional ofrece, especialmente en Uruguay, productos diferenciados, de alto valor agregado, con acceso a los principales mercados importadores. El resultado es un portafolio complementario y altamente competitivo, se destacó a El Observador mediante un comunicado.